

Teixeira, João de Fernândes. *A mente pós-evolutiva: A filosofia da mente no universo do silício*. Petrópolis: Vozes, 2010, 160pp, R\$ 24,00.

O tema deste livro de ensaios são os desafios do humano pelas máquinas, pela visão de uma futura replicação da mente, dos problemas da implantação de chips no corpo humano, de robôs humanóides e de paramáquinas que se acomplam ao corpo humano para criar ciborgues. A abordagem do autor é a da filosofia da mente. A questão é o futuro ou talvez o fim do humano numa era pós-humana e as suas conseqüências filosóficas, mas também tal como o paradoxo da visibilidade daquilo que acontece na caixa preta do cérebro humano desde a descoberta da neuroimagem. O livro questiona a essência do pensamento humano, a natureza da mente natural e artificial e a essência da consciência. No texto da orelha o autor resume as suas preocupações e ambições filosóficas assim: "Andróides e ciborgues afetarão profundamente nossas ideias filosóficas de conhecimento e de ciência, nossa noção habitual de corpo e nosso entendimento sobre a existência de características entre seres humanos e artificiais. Como serão as ciências humanas nesse futuro próximo? Será que o problema mente-cérebro permanecerá insolúvel no mundo pós-humano ou pós-evolutivo? Como será a convivência da filosofia com a ciência nesse novo mundo?"

O horizonte do autor se estende de Leibniz e Descartes via Nietzsche até à filosofia contemporânea da mente. Os ensaios começam com um pequeno panorama das ciências cognitivas desde o behaviorismo até a psicologia cognitiva e a neurociência. No centro do livro, encontram-se três capítulos com os títulos "Ciborgues I, II, III", e os capítulos seguintes tratam dos *Qualias*, da "Mente, consciência e vida", dos "Zumbis filosóficos" e da "Linguagem humana".

Numa resenha deste novo livro de Teixeira, Gustavo Dainezi prevê que "este é um livro com um potencial enorme de rejeição", mas ao mesmo tempo ele conclui que: "Até mesmo àqueles que negam veementemente a possibilidade do pós-humano, a leitura é válida" (www.filosofiadamente.org/images/stories/pdf/resenha.pdf). O presente resenhista concorda plenamente com a última avaliação, mas está menos preocupado com a primeira previsão, visto que o discurso sobre o pós-humano se tornou ubíquo. Uma discordância, que resta é a seguinte:

Pós-evolutivo? O autor justifica a escolha deste adjetivo assim: "Há quem prefira chamar esse mundo de pós-humano, ou mundo da convergência neurodigital. Mas prefiro chamá-lo simplesmente de pós-evolutivo, pois entendo que sua característica principal é a impossibilidade de continuação da evolução do corpo e de cérebro humanos, forçando a espécie à parabióse" (p. 12).

Porém, o adjetivo “pós-evolutivo” é uma contradição em termos em relação ao tema principal deste livro de João de Fernandes Teixeira, que, em vez de designar a interação homem-máquina de *simbiose*, fala de “*parabiose*”, definindo essa como “a nossa associação com formas de vida seca” (p.11). A tese do “pós-evolutivo” sofre de um antropocentrismo, que ignora que as máquinas evoluem também, e isso com uma velocidade cada vez mais acelerada. A evolução das máquinas é tão bem reconhecida na cultura tecnológica contemporânea que se fala de “gerações” ou até “famílias” de computadores, programas, redes etc. O argumento do “pós-evolutivo” não vale porque a evolução atual das máquinas não é nada senão a evolução do cérebro humano fora da caixa craniana, como argumenta Lucia Santaella no livro não citado pelo autor *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura* (São Paulo: Paulus, 2003).

Winfried Nöth